

albuquerque

revista de história

issn 1983-9472

e-issn 2526-7280

VOL.15, N.30, JUL-DEZ



CADERNO ESPECIAL  
*Lorna Washington*

## A PRIMEIRA VEZ QUE VI LORNA WASHINGTON

## THE FIRST TIME I SAW LORNA WASHINGTON

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2023.v15.20145>

Miguel Rodrigues de Sousa Neto

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

 <https://orcid.org/0000-0001-9672-3315>

miguelrodrigues.snetto@gmail.com

Recebido em 02 de dezembro de 2023

Aceito em 20 de dezembro de 2023

... foi nas páginas da revista **Sui Generis**, que circulou nas bancas nacionais na segunda metade da década de 1990. Sua imagem chamou minha atenção porque era uma pessoa no palco, maquiada de modo feminino, mas com o peito cheio de pelos; eles não foram escondidos, mas compunham a personagem. Aquela performance causou em mim estranheza e interesse, uma vez que destoava das aparições mais comuns que ocorriam em programas televisivos, como aquele comandado por Sílvio Santos no SBT, ou, o quadro “Eles e Elas” no **Clube do Bolinha**, capitaneado por Édson Cury, o Bolinha, na rede Bandeirantes, durante duas décadas, nos quais transformistas e travestis se apresentavam, buscando reproduzir de modo muito fiel as estéticas femininas.

Imagem 1: Lorna Washington na revista Sui Generis.



Fonte: Lorna Washington: sobrevivendo a supostas perdas. Direção de Rian Córdova e Leonardo Menezes. Brasil: Guaraná Conteúdos, 2016.

Como nasci no final dos anos 1970, minha adolescência se deu no início dos anos noventa, em um período anterior à internet (sou daquele grupo de pessoas que ri ao se lembrar do ruído que acompanhava a discagem do aparelho ao acessar a rede mundial de computadores... sim, discar), portanto, meu acesso aos acontecimentos cotidianos, local, nacionalmente e no mundo, vinha majoritariamente da TV e das páginas impressas: jornais diários, semanários, revistas mensais.

No tocante às experiências da sociabilidade e do que chamávamos à época de uma “cultura gay”, minha parca experiência provinha dos “pontos de pegação” na cidade natal, ocupados para uso erótico e, comumente, para longas conversas, e do pouco material que circulava, a exemplo da **Sui Generis**, alguma literatura buscada nas bibliotecas públicas, artistas transgressoras e suas músicas, a exemplo de Madonna e o frisson que causou em fins de 1993 com sua passagem pelo Brasil, na turnê de **The Girlie Show**. Ney Matogrosso, Cazuza, Gal Costa, Marina, Maria Bethânia, Ângela Ro Ro também eram artistas agenciados nessa construção de uma certa “identidade”, de elementos comuns que nos aproximassem, jovens gays em uma cidade do interior. As boates só entrariam no roteiro de sociabilidade e afetos a partir de 1996, quando completei dezoito anos.

De algum modo, acompanhei as ações políticas do que chamamos hoje de movimento lgbti+, antes de mesmo de pisar em uma boate, por meio dos jornais

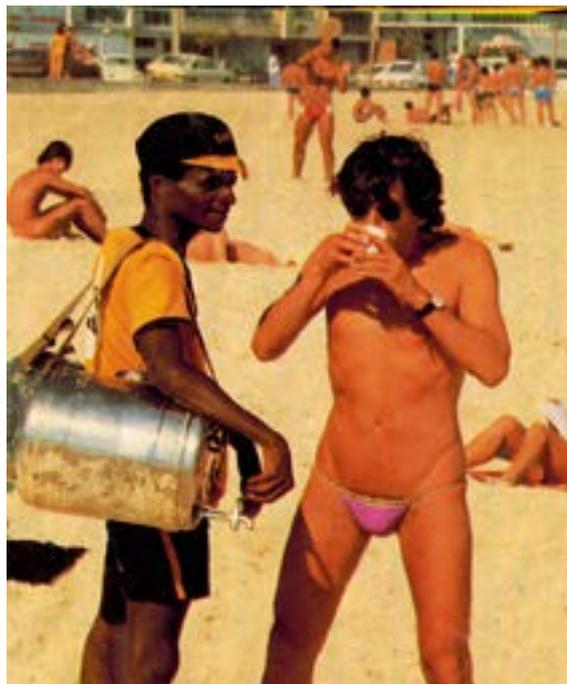
e revistas. Alguns nomes começaram a povoar meu imaginário, especialmente oriundos de São Paulo e do Rio de Janeiro, as duas “cidades grandes” que eram objeto de desejo das gueis interioranas naqueles dias, promessas de liberdade, sexo, noites protagonizadas por transformistas e as *drag queens*, que começava a perceber na mídia do período.

Nessa passagem da minoridade para a maioria, ponto de flexão importante na busca por independência, por liberdade, incluindo aquela erótico-afetiva, que permitiria, por exemplo, frequentar os cinemas pornográficos, importantes pontos de encontro gay no período, ou as boates (a primeira vez na **Frisson** foi com um show de *gogo boys*, a segunda, com uma apresentação da paulistana Silvetty Montilla), as questões relativas às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, intersexos, assexuais e demais pessoas com variabilidade de gênero ou de orientação sexual (lgbti+) ganhavam visibilidade no país. Assim, eu e outros buscávamos afeto, sexo, diversão e direitos. Interessávamos a “fechação” e a possibilidade de ir-e-vir.

Para se ter uma ideia de como era o Brasil para nós, naqueles dias, transcrevo um dos meus recortes de jornais e revistas. O texto, intitulado “Direitos gays devem compor pauta do Congresso este ano”, é do Vinícius Torres Freire, e os grifos são meus:

O bloco do **politicamente correto** no Congresso vai incluir este ano em sua pauta de preocupações os direitos dos homossexuais e como enfrentar a discriminação a essa problemática. O grupo parlamentar não reúne gays ou lésbicas, mas deputados e senadores que assumiram em suas campanhas o compromisso de apresentar projetos de lei e discussões relativas à cidadania de pessoas de orientação homoerótica. **A bancada tem dois “líderes” informais, Martha Suplicy (PT-SP) e Fernando Gabeira (PV-RJ) e mais cinco congressistas, além de simpatizantes no PSDB, PSB e PPS.** Entre os projetos que o bloco vai tentar aprovar, **as prioridades são a proibição constitucional explícita à discriminação de homossexuais e o de união civil entre casais de homens e mulheres.** Gabeira inclui na pauta a discussão dos direitos de transexuais e travestis: medidas contra a **discriminação oficial e legalização das cirurgias de mudanças de sexo.** Tanto os projetos dos parlamentares como as estratégias de lobby para a sua aprovação ainda estão em discussão. Consenso mesmo só na inclusão na Constituição da proibição da discriminação. (FREIRE, 1995, B3)

Imagem 2: Gabeira de sunga na praia.



Fonte: Reprodução/Aventuras na História

O termo “politicamente correto” já era utilizado de modo a distinguir certas demandas sociais, provavelmente para denotar um aspecto menor, menos relevante, ou, muito específico. O grupo não reunia congressistas gays e lésbicas, mas é bom lembrar que o nome de Gabeira foi vetado para ser vice-presidente na chapa com Luís Inácio Lula da Silva nas eleições de 1989 porque ele tinha sua imagem vinculada ao “movimento gay” e ao uso de maconha. Além de falar sobre as questões da sexualidade em suas entrevistas, o fato de ter ido para a praia com uma diminuta sunga de crochê em 1979 parece ter colado na figura de Gabeira. A imagem está presente no texto de Tamis Parron, “Fernando Gabeira e a sunga que escandalizou a ditadura militar brasileira”. Gabeira escandalizou a ditadura, mas também os seus colegas da esquerda que se sentiram afrontados com tamanha licenciosidade... Marta Suplicy apresentou o projeto de Lei nº 1.151/1995, que buscava disciplinar a união entre pessoas do mesmo sexo – e que nunca foi votado, já que não se conseguiu maioria para sua aprovação. Das demandas, algumas têm sido incorporadas a partir do poder judiciário, a exemplo da união civil e sua equiparação com o casamento, já que o poder legislativo, paulatinamente, tem se afastado ainda mais das reivindicações da população lgbti+. Fernando Gabeira, com sua sunga de crochê, já trazia sensualidade e bom humor à política, rompendo com determinados padrões por meio da vestimenta, dos gestos.

No ano seguinte, 1996, a primeira Parada do Orgulho Gay de São Paulo só foi iniciada após uma das *drags* montadas, Kaká di Polly, fingir um desmaio na frente dos policiais que impediam as pessoas de darem início à sua caminhada a partir da Praça Roosevelt. Sobre esse primeiro evento, escreveu Ronaldo Trindade:

Como um dos incentivadores do evento, o jornalista Paulo Giacomini, uma semana antes, por intermédio do jornal *Folha de S. Paulo*, conclamava os homossexuais paulistanos a prestigiarem o evento. Sua chamada aludia às revoltas de *Stonewall*, a gênese de uma história que, segundo ele, todos os gays compartilhavam. Reivindicada como força motora para a mobilização dos leitores, esse acontecimento funcionava também como uma forma de globalização da política gay, trazendo em seu rastro todo um campo simbólico. Em termos visuais, o arco-íris; em termos políticos, a inclusão cidadã via uma subjetividade política. (TRINDADE, 2011, p. 77)

**Imagem 3: Kaká di Polly, Parada Gay de São Paulo 1996.**



Fonte: Reprodução Gayblog

Em frente ao ônibus, Kaká di Polly vestida de Estátua da Liberdade, erguendo a tocha, salvando o evento. Homens vestidos com roupas femininas, pessoas do sexo masculino performando feminilidades, são imagens recorrentes na formação de certo imaginário homoerótico do qual partilho. São essas pessoas, transformistas, travestis, *drags*, aquelas que primeiro vi, que primeiro percebi como alguém em quem, do ponto de vista das experiências de gênero, me interessavam.

Pelos jornais, às vezes descobria que alguma transformista, travesti ou *drag queen* iria participar de algum programa, ou acabava encontrando por acaso. Quem sabe, até uma entrevista no programa do Jô Soares. Foi lá que assisti Laura de Vison, que já conhecia das páginas impressas, e Kaká di Polly. Laura e Kaká eram *drags* gordas, usavam maquiagens marcantes, superlativas. Eu já havia lido

sobre Laura, a transformista underground que atuava no centro do Rio de Janeiro, comendo vísceras cruas, sendo içada pelos peitos amarrados. Como guei gorda sempre me senti representado pelas duas, ambas mortas, infelizmente.

Será que muitos de nós, pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, intersexos, assexuais e demais pessoas com variabilidade de gênero ou de orientação sexual (lgbti+), gostamos tanto dessa arte de viver o outro em si, de construir um feminino onde está o masculino? Às vezes permanentemente, como Rogéria, Jane di Castro, Divina Valéria, Marquesa, Fujika de Halliday, Camille K, Eloína, Brigitte de Búzios, Yeda Brown, Nany People; outras, apenas para o palco, ou para seu divertimento, como Kaká di Polly, Miss Biá, Silvetty Montilla, Lola Batalhão, Isabelita dos Patins, Lorna Washington, as camadas de feminilidade vão sendo elaboradas, retocadas, construindo múltiplos efeitos.

A arte transformista, ou seja, o transformismo realizado nos palcos ou para as telas, tem uma história fora do Brasil e em nossas terras. Ele aparece na ausência de mulheres nos palcos teatrais, uma vez que a profissão era considerada imprópria para moças distintas, ele é usado para rir, quando se emprestava um caráter cômico a essa modulação feminina, ele atiçava sentidos, quando os atores adotavam uma performance sensual para as mulheres que emergiam de seus corpos. As atrizes e os atores do transformismo, especialmente a partir dos anos 1960, que é um período já de profissionalização da arte nos teatros e boates, especialmente das grandes cidades, a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo, ou outras capitais que ocasionalmente recebiam os shows em turnê, foram levadas a cantar, representar, dublar, dançar, entreter com seus esquetes. Os shows, assim como demais espetáculos, permaneciam por temporadas.

Sobre a arte transformista, em entrevista a Telma Mara Bittencourt Bassetti, Lorna diz:

Hoje não se fala mais, já caiu em desuso. Mas nós somos dessa época: atores transformistas. Eu ganhei um prêmio como melhor apresentadora do Brasil, como ator transformista, em 1995. Então, quer dizer, esse negócio de *drag queen* é uma coisa que vem dos Estados Unidos. É uma denominação para uma espécie de artista que vem da América. Ator transformista é longo para se falar: "Ah... eu sou ator transformista" é muito longo. *Drag* é mais fácil. Como as pessoas aqui são muito minimalistas e muito americanizadas... mais americanizadas do que minimalistas, se fosse mais minimalista, melhor. Mas, a gente virou muito americanizados, então, ficou *drag*. E eu tenho pavor de ser *drag*. (BASSETTI, 2022, p. 187)

Lorna, que importou seu nome de uma das filhas de Judy Garland e da cidade estadunidense onde morava uma amiga, criticava **essa** importação, a da *drag queen*, mas, mas apenas pelo caráter americanizado, mas porque a estética *drag*, tal como ela a concebia passava por outros registros que não aqueles encontrados nas performances nacionais. Daí, sua recusa ao termo e a manutenção de sua filiação a esse outro nome, mais antigo, mas que lhe calhava, o de ator transformista. Telma também entrevista o professor e estilista Almir França, que, sobre o transformismo, lhe diz:

Durante muito tempo a gente discutiu, e a inda discute, a arte transformista no Brasil. Até que ponto é arte, até que ponto é um artesanato ou até que ponto é apenas uma luta de visibilidade. Porque no processo da homossexualidade, o transformismo aparece na luta de você existir. Então, não necessariamente eu estava falando de arte. Naturalmente, naquele momento, acontece o artista. (...) Então, a arte é um pensamento. Da arte transformista isso é muito mais forte, porque ela inclusive interfere na existência de uma população. De uma população que interfere na existência de uma sociedade como um todo. (BASSETTI, 2022, p. 189)

Assim, existência, resistência e arte, de muitos modos, vão se imbricando na feitura do transformismo. Algumas casas acabaram por se especializar em espetáculos com a participação/protagonizados por transformistas e travestis, atraindo um público que buscava aquela dupla interpretação: uma primeira camada era aquela em que um homem construía uma persona feminina, a segunda, era quando aquela persona criada representava/representa os papéis no espetáculo. Assim, buscava-se ver Celso Paulino Maciel, que interpretava Lorna Washington, e, ao mesmo tempo, enxergar Lorna Washinton performando grandes divas da música ou do teatro e da TV, como Carmem Miranda, Bibi Ferreira e Dercy Gonçalves.

Entre Lorna e eu sempre houve uma mediação, seja do papel ou da tela. É que toda nossa relação, durante quase três décadas, foi construída assim, pelas páginas dos jornais e das revistas, pelas telas da TV, dos computadores e dos celulares. Nunca vi Lorna Washinton “ao vivo”, estando ambos no mesmo espaço físico. É uma pena, eu sei e me ressinto disso. Assim como nunca pude presenciar Marquesa e Fujika, Brigitte e Rogéria, Laura e Kaká, entre outras, também não pude fazê-lo com Lorna.

Apesar disso, guardo imagens, trechos de suas falas nas entrevistas ou no palco, apresentações favoritas, figurinos, seu estilo tão característico de se maquiar, seu humor e sua posição sempre bastante direta. Apesar de não sair ileso

(a maioria de nós não saiu) da pandemia de Covid-19, ela foi um pouco mais suportável pelos encontros com esses e essas transformistas que, para conseguir sobreviver, foram para as telas, mais uma vez inventando modos de sobreviver, de viver, de fazer arte. Acompanhei Lorna Washington entrevistando pessoas, assim como no táxi, de máscara e voltando para casa depois da gravação de um show transmitido pelas redes sociais. (Também cozinhei com Silvetty Montilla, achando engraçadíssima sua performance naquele espaço, passei madrugadas com Salete Campari, acompanhei as *lives* de Kaká di Polly, aprendi receitas com Paola Carossela; como podem notar, foram as femininas que me ajudaram a segurar essa barra.)

**Imagem 4: Celso Paulino Maciel.**



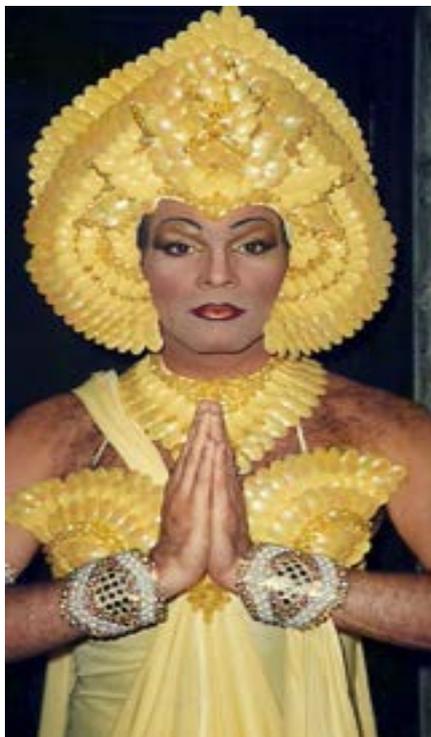
Fonte: Acervo Pessoal, reprodução **Trip**

Lorna e sua versão masculina, Celso Paulino Maciel, se deixaram entrevistar em diversas oportunidades e os registros podem ser encontrados no YouTube, nas páginas de revistas impressas ou já digitais, bastando uma busca simples em qualquer portal. Foi em uma dessas entrevistas que me aproximei daquela criança viada, gordinha que nem eu. Gregory Prudenciano apresenta parte de sua biografia na revista **Trip**, incluindo uma foto de seu acervo pessoal, na infância. Lorna conta que as mulheres da vizinhança já percebiam os modos do garoto, assim como uma de suas sobrinhas também tinha por óbvio a atuação do tio:

Quando eu era pequeno , andava com as senhoras mais idosas que moravam na minha rua . As pessoas já observavam : “Olha , esse menino anda muito com as senhoras , ele não brinca com criança ”. Meu pai era homofóbico , sem sombra de dúvida , mas não fazia nada . Como todo pai , ele costumava botar o jornal na cara e falar pra minha mãe : “Olha como seu filho é!” Minha mãe nunca me perguntou nada , mas me dava apoio . Mãe sabe o filho que tem : foi ela quem pariu .

Tenho uma sobrinha que é como se fosse minha filha . Um dia , saí de casa e ela abriu meu armário . Minha mãe viu o que havia dentro do móvel e perguntou : “Que roupas são essas ? Isso é do Celso ?”. Minha sobrinha respondeu , de pronto : “É lógico que é do meu tio !”. Disse para minha mãe que estava “descobrimo um novo mundo ”. Ela me perguntou se eu tinha certeza da minha vontade e tive que explicar : “Não tenho , mas tenho vontade de saber o que é isso ”. Ela encerrou me desejando felicidades e cuidado , pois a vida poderia ser muito cruel para mim . (PRUDENCIANO , 2016)

**Imagem 5: Lorna Washington.**



Fonte: Acervo Pessoal, reprodução **Trip**

Lorna se considerava um ator transformista e uma atriz cômica , buscando se divertir , assim como divertir a plateia . Era bastante ciosa de sua atuação porque a encarava como sua atuação profissional , ou seja , ela não pretendia entregar no palco nada diferente do que pudesse oferecer de melhor para as pessoas que estavam ali para vê-la . Divertimento e profissionalismo marcaram , assim , sua atuação . Mesmo se considerando cômica e não necessariamente bonita , ela o era , de seu próprio modo . A mesma **Trip** a mostrou em uma performance exuberante ,

com uma indumentária amarela, encimada por um adereço de cabeça na mesma cor, com pulseiras grandes, maquiagem marcando seus olhos e boca... deixando à mostra seu peito e seus ombros peludos.

Lorna não se importava de falar sobre as vezes em que “gongou” alguém. Em suas entrevistas contava de certa bicha que, na infância, havia tentado deixá-la constrangida – até ser coberta por socos do jovem Celso. Anos depois, ao se aplaudida estando no palco pela mesma encenqueira da infância, contou para a plateia a história e pediu uma grande vaia para a sujeita. Ao comentar o feito, sempre afirmava: “Eu nunca disse era boa coisa, eu nunca enganei ninguém...”. Dizia ser gente, como todo mundo. Uma gente com talento, é preciso afirmar.

Filha do porteiro do prédio, conviveu com pessoas ricas e da classe média, além das pessoas pobres, e sabia muito bem que existem classes distintas no modo de produção capitalista e por isso, em mais de uma oportunidade, bradava: “Vai ser viado na baixada! Vai ser viado no morro!”, porque, mesmo que não seja dito com frequência, existe muita diferença em ser gay nas casas noturnas caras e nos bairros de alto padrão, e sê-lo nas quebradas. Uma de suas grandes amigas foi Luana Muniz, travesti ativista que reinava na Lapa, no Rio de Janeiro, dona do bordão “Tá achando que travesti é bagunça?”. Por causa desse convívio, Lorna dizia que era preciso atenção às travestis, que, em decorrência da lgbtfobia que molda esse país, acabam por enfrentar mais dificuldades ainda. Luana e Lorna foram retratadas em documentários Rian Córdova e Leonardo Menezes (**Lorna Washington: sobrevivendo a suportas perdas**, 2016, e **Luana Muniz – filha da Lua**, 2021).

Lorna exerceu sua cidadania e seu ativismo no fazer de sua arte e fora dele. Empenhou-se nas campanhas e demais ações tocantes à epidemia de HIV/Aids, falou sobre diabetes, doença da qual sofria e que lhe trouxe sérias complicações, e sobre o envelhecimento da população lgbti+. Perguntada sobre o tema por Pu-denciano, na **Trip**, respondeu:

Caí na causa da Aids de paraquedas. No período de Papagaio, um grupo de pessoas queria fundar um GAPA [*Grupo de Apoio e Prevenção à Aids*] no Rio, que só existia em São Paulo. Eles iam distribuir preservativos, mas eram barrados nas outras casas noturnas. Aí um grupo do GAPA me procurou pra saber se eles podiam ir ao Papagaio e eu disse que sim, falei com a gerência da casa que eu achava que era importante fazer um trabalho de prevenção por causa da epidemia de Aids. A partir desse primeiro contato com eles se tornaram frequentes na casa. Um ano depois, fizeram uma festa para entregar prêmios a pessoas que ajudaram a causa. Foi aí que conheci grandes celebridades de causa como o [Herbert] Daniel, o Netinho, a Neusa Amaral, uma atriz que já trabalhava na causa dos hemofílicos, a médica Marcia Rashid etc. Aí começou a minha militância. A convite da Marcia, comecei a fazer um trabalho no hospital em que ela trabalhava. O público eram pessoas que já tinham passado pela etapa da descamação da pele durante o tratamento contra o vírus. Eu conversava com elas, a gente ria muito, contava histórias e assim a ajudava os que chegavam lá e se sentiam com medo. Fui me envolvendo, levado pela solidariedade, por ver como as pessoas estavam morrendo em virtude do preconceito que existia ao redor delas. Não podia ver aquelas pessoas todas morrendo e não fazer nada, ainda mais eu, que sempre detestei preconceito. (PRUDENCIANO, 2016)

Dama dos palcos, Washington foi para o palco mostrando as limitações que a vida foi lhe impondo, acompanhada de uma prótese externa na parte, de andador, de bengala, porque isso era parte de sua história, de quem ela era naquele momento.

Imagem 6 e 7: Lorna Washington.



Fonte: de Heloisa Tolipan, 2014. Instagram

Perguntada por Gregory Prudenciano (2016) se fazia *stand up comedy*, respondeu: “Faço de tudo. Apresento, falo e canto. *Stand up* é um nome recente. Brasileiro tem essa mania de pegar esses termos dos Estados Unidos. Chico Anísio já fazia humor nesse estilo, mas ninguém o chamava de *stand up*. Hoje, só não faço esse tipo de comédia porque fico sentada devido ao andador, mas posso

dizer que faço *sit down comedy* [risos]”. Mais uma vez, uma crítica a certas importações e uso do humor para encarar a “supostas perdas”.

A diva dos palcos cariocas, reconhecida no país e que levou sua arte para fora dele, também, morreu junto com Celso, seu criador, em 30 de outubro de 2023. Fez parte da construção do que chamávamos, anos atrás (quando tentava encontrar filmes, shows, músicas, revistas), de uma cultura gay. Marcus Assis Lima escreveu sobre a expressão: “Quando falamos em cultura gay estamos querendo evidenciar uma identidade que vai sendo construída também em suas produções simbólicas específicas (...). Isso porque podemos captar (...) comportamentos, valores, hábitos e regras apropriados e reconhecidos por gays e lésbicas, e mesmo pelo *mainstream*, como pertencentes àquela zona de significação específica.” (2001, p. 109). Nos palcos e fora deles, Lorna entendeu que cumpria um papel artístico e social: “O movimento gay no mundo inteiro existe por causa de nós, as transformistas e travestis. Fomos nós que a pintamos a nossa cara e fomos primeiras a ir para os meios de comunicação falar da nossa causa, da militância, não só por nós, mas pelo grupo ao qual pertencemos.” (PRUDENCIANO, 2016.)

**Imagem 8: Lorna Washington.**



Desenho de Cauê Cunha Rodrigues. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Lorna afirmou em entrevistas que, caso alguém quisesse fazer algo por outrem, inclusive ela, que fizesse enquanto o sujeito estivesse vivo, que homenagens póstumas ela dispensava. Esse texto não é uma homenagem, é uma partilha da figura que guardo em minha memória. Durante meses antes de sua morte, como estava afastada dos palcos, eu a buscava pelas páginas e pelas telas, como aquela pessoa de quem você gosta muito, mas não tem tanta intimidade para contatar, e por quem acaba perguntando aos interlocutores que possam dar alguma notícia. Eu sentia sua ausência, e foi com pesar que soube que eu teria que me virar com os vídeos, as entrevistas, as fotografias; manteria essa relação sempre mediada pelas telas, pelas páginas. E, para não a perder mais, e para contar para outras pessoas da importância de tê-la encontrado, é que eu escrevo esse texto. É quem o lê, conhece um pouco sobre ela e sobre mim.

## Referências

BASSETTI, Telma Mara Bittencourt. Arte, brilho, ativismo e resistência na trilha da vida de Lorna Washington. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, vol. 13, nº 2, p. 167-200, 2022.

BORTOLOZZI, Remom Matheus. A arte transformista brasileira: rotas para uma genealogia decolonial. **Quaderns de Psicologia**, Barcelona, v. 17, n. 3, p. 123-134, 2015. Disponível em: <https://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/v17-n3-bortolozzi>. Acesso em 29 jan. 2024.

**DIVINAS Divas**. Direção de Leandra Leal. Rio de Janeiro: Vitrine Filmes, 2017.

FREIRE, Vinícius Torres. Direitos gays devem compor pauta do Congresso este ano. Brasil, **Folha de S. Paulo**, 2 ago. 1995, B3.

GOMES, Aguinaldo Rodrigues & LION, Antonio Ricardo Calori de (org.). **Corpos em trânsito: existências, subjetividades e representatividades**. Salvador: Editora Devires, 2020.

KOCH, Jandiro. Um “barão” transformista: as múltiplas facetas de Ektor Von Hoffmeister (1939-2018). **Grafia Drag**, Porto Alegre, 9 ago. 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/grafiadrag/as-multiplas-facetas-de-ektor/>. Acesso em 29 jan. 2024.

LIMA, Marcus A. Assis. Em busca da normalidade: *Sui Generis* e o estilo de vida gay. **Gênero**, vol. 2, nº 1, p. 109-128, 2001.

LION, Antonio Ricardo Calori de. Ivaná: a grande dúvida no teatro de revista dos anos 1950. **Albuquerque: revista de história**, v. 7, 2015, p. 103-120.

**Lorna Washington: sobrevivendo a suportas perdas**. Direção de Rian Córdova e Leonardo Menezes. Brasil: Guaraná Conteúdos, 2016.

**Luana Muniz – filha da Lua**. Direção de Rian Córdova e Leonardo Menezes. Brasil: Lira Filmes, 2021.

PARRON, Tamis. Fernando Gabeira e a sunga que scandalizou a ditadura militar brasileira. *Curiosidades/Brasil*, **Aventuras na História**, 2 ago. 2019. Disponível em <https://aventurasnahistoria.uol>.

[com.br/noticias/almanaque/historia-a-sunga-de-fernando-gabeira.phtml](https://com.br/noticias/almanaque/historia-a-sunga-de-fernando-gabeira.phtml). Acesso em 29 jan. 2024.

PRUDENCIANO, Gregory. Lorna Washington, a 'Fernanda Montenegro' do mundo gay. **Trip**, 8 ago. 2016. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/entrevista-com-lorna-washington-transformista-ativista-da-cao-da-aids-e-icone-da-cena-gay-carioca>. Acesso em 29 jan. 2024.

SOUZA, Paulo Vitor Guedes de. **Glamour das Divas**: uma reflexão sobre espaços de sociabilidade, redes de amizade e subjetividades travestis na cidade do Rio de Janeiro, década de 1960. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2022.

THÜRLER, Djalma; MATHIEU, Beatrice. A primeira onda da cena travesti no Brasil: A centralidade do "corpo em travesti". **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 41, set. 2021.

TRINDADE, Ronaldo. O mito da multidão: uma breve história da Parada Gay de São Paulo. **Gênero**, vol. 11, nº 2, 2011, p. 73-97. Disponível em <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31092/18181>. Acesso em 1º dez. 2023.